



Fernando Henrique Cardoso, na primeira entrevista coletiva como presidente eleito, em Brasília.

E O PRÍNCIPE DA SOCIOLOGIA VIROU PRESIDENTE DO BRASIL

A HISTÓRIA DO SUCESSO DE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, POETA NA ADOLESCÊNCIA, INTELLECTUAL RESPETADO, UMA DAS MAIORES VOTAÇÕES DA HISTÓRIA DA REPÚBLICA.

“Meus negros cabelos de espanador/Trazem bolas de neves nas pontas” — o autor dos versos tinha mesmo uma vasta cabeleira de poeta, olhos de poeta e uma figura eloquente. Só não era (como se vê) um poeta. Fernando Henrique, ainda um colegial, já mostrava uma visível inclinação para as inquietações do intelecto — e um secreto gosto pela política. Chegou a passá-lo pela cabeça (idéia fugidia) tornar-se cardeal. Na vertente intelectual, acabou transformando-se no príncipe da sociologia pátria (assim aclamado por seus pares). Na política, o mandachuva da própria pátria. “Fernando Henrique não é um intelectual que faz política” — já cuidou de definir seu amigo de trinta anos, o filósofo José Arthur Giannotti. “Ele é um intelectual que se transformou em político”.

E como se transformou em intelectual? Já naqueles seus tempos de colegial poeta, esbarrava em gente como Oswald de Andrade em agitados eventos paulistanos. Em 1949 estava na faculdade. Quatro anos depois, licenciava-se em Ciências Sociais (e casava-se com uma colega de curso, Ruth). Logo seria nomeado auxiliar de ensino, e depois primeiro assistente de Sociologia. Os professores da faculdade eram herdeiros culturais de mestres trazidos da França, nos primórdios da Universidade de São Paulo. Esmeravam-se em man-

ter o alto padrão de cultura. Seu lazer de fim de semana eram reuniões para debater sociologia e marxismo. Fernando Henrique estava entre os melhores — confirmam seus contemporâneos.

Em 1961, doutorou-se. Em 1964 escapou da repressão militar (era um professor “de esquerda”), exilando-se com a família no Chile. Em Santiago, Fernando Henrique era um conceituado pesquisador-professor da Cepal, órgão das Nações Unidas. Um convite levou-o a mudar para a França: Faculdade de Nanterre, 1968. O olho do furacão da revolta estudantil que sacudiria a Cidade Luz. Fernando Henrique volta ao Brasil, defende tese e conquista a cátedra de Ciências Políticas. Meses depois — afinal, era 1968 — o governo militar baixa o AI-5 e o novo catedrático é compulsoriamente aposentado. Logo, ele e outros colegas de infortúnio fundam o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, Cebrap.

Em um dia de 1974, o Cebrap recebe a visita do presidente do MDB, o partido de oposição (a Arena, era o da situação). Ulysses Guimarães desejava um programa para a campanha eleito-

ral daquele ano. Os intelectuais resolveram colaborar. Três anos depois, Ulysses veio com algo direto: queria Fernando Henrique candidato a senador em 1978. Foi uma grande campanha, mas o político — ei-lo — Fernando Henrique, concorrendo por uma sublegenda, perdeu para Franco Montoro, do mesmo MDB. Mais tarde (1983), Montoro assume o governo de São Paulo e seu suplente — Fernando Henrique Cardoso — a vaga no Senado.

A “candidatura de protesto” ao Senado, em 1978, lhe rendeu a suplência e FHC nunca mais deixou a política.

A política manteve o senador nas ruas. Em 1984, ele segurava faixas e discursava pelas Diretas-Já. As Diretas não passaram pelo Congresso, mas no ano seguinte esse mesmo Congresso (as eleições eram indiretas) elege Tancredo Neves presidente da República. Tancredo indica o prestigiado Fernando Henrique seu líder no Congresso. Onde estava o intelectual dos saraus acadêmicos? No passado, porque já em 1985 concorria à Prefeitura de São Paulo. Fernando Henrique estava no páreo contra Jânio Quadros. “O moderno contra o arcaico” — pregava. O moderno acabou perdendo a eleição, por pouco: 141 mil votos. No ano seguinte, Fernando Henrique elege-se senador pelo PMDB (su-

cessor do MDB) com mais de seis milhões de votos.

Em junho de 1988, cria um partido, tucano, junto com o também senador Mário Covas. Nasce o PSDB, uma dissidência do PMDB. E de repente é 1992. Cai Fernando Collor. Sob o Itamar Franco. O “charmant” (como o descreve seu colega Celso Furtado) Fernando Henrique vai a ministro do Exterior. Ministro da Fazenda. Plano Real. E a conquista da Presidência da República, no primeiro turno. Coisa de político muito bom.

A política, afinal, não é novidade na família desse carioca nascido há 63 anos e que com 10 de idade virou paulista. Seu bisavô, Felicíssimo do Espírito Santo Cardoso, foi presidente da Província de Goyaz (hoje seria governador do Estado). O avô paterno, Joaquim Ignácio Baptista Cardoso, atuou como ajudante de ordens do presidente Floriano Peixoto. E um tio-avô foi ministro da Guerra do primeiro governo de Getúlio Vargas. O pai de Fernando Henrique, o general Leônidas Fernandes Cardoso, elegeu-se deputado em 1953. De seus três filhos, só um, Paulo Henrique, fez Ciências Sociais — mas acabou na Publicidade. A filha Luciana, bióloga, trabalha na área de computação. E a caçula, Beatriz, é pedagoga. Até agora, nenhum deles quis saber de política.

Valdir Sanches

Arquivo/AE — 27/01/58



Carreira acadêmica: professor assistente da USP (no alto, à esquerda), livre docência em sociologia (no alto, à direita) e catedrático aposentado compulsoriamente pelo regime militar (ao lado).

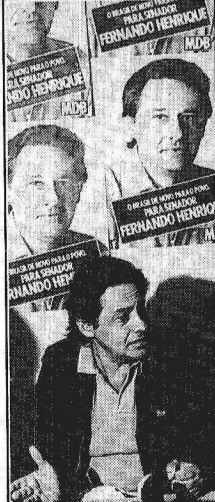
Arquivo/AE — 20/11/63



Kenji Honda/AE — 10/05/85



Arquivo/AE — 06/10/78



Reginaldo Manente/AE — 28/11/85



Domício Pinheiro/AE — 28/10/86



Carreira política: candidato pela primeira vez em 1978, (no alto, à esquerda), foto na cadeira do prefeito antes das eleições de 1985, que perdeu para Jânio Quadros (ao lado), e com Ulysses Guimarães e Franco Montoro na reeleição para o Senado em 1986 (no alto, à direita).



Wilson Pedrosa/AE — 28/02/94

Massao Goto Filho/AE — 04/11/94



A URV no cardápio do ministro da Fazenda (foto maior), já candidato, em campanha (ao lado), e descanso no Pantanal, após a confirmação da vitória em 3 de outubro (acima).

